

O século do petróleo

Gilberto Maringoni

Poucas são as obras publicadas no Brasil voltadas para a geopolítica do petróleo. Aliás, não são muitos os que se aventuram a estudar as intrincadas relações entre poder, petróleo e dinheiro em nosso país. A Petrobrás desenvolve um sem-número de estudos técnicos, nas áreas de engenharia, geologia, economia e impactos ambientais. Em universidades importantes, como a USP e a UFRJ, há vários projetos e grupos de pesquisa focados no estudo dessa fonte de energia. Mesmo no plano internacional, não é grande a produção relativa às conseqüências políticas da exploração petrolífera.

Ao longo do último século, o petróleo foi pivô de disputas pesadas, como a montagem e derrubada de governos, guerras fratricidas, invasões de países e regiões, formação de conglomerados econômicos com poder quase ilimitado, constituição de cartéis e alianças entre países, articulações diplomáticas, intrigas, traições, impactos ambientais, relações trabalhistas de novo tipo etc., etc. A lista vai longe.

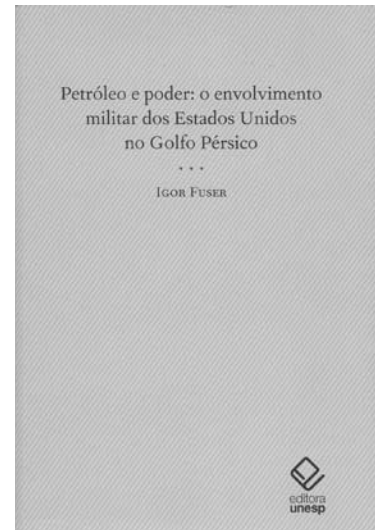
Esses são alguns dos motivos pelos quais o lançamento de um livro como *Petróleo e poder: o envolvimento militar dos Estados Unidos no Golfo Pérsico*, de Igor Fuser, não pode passar em branco, num tempo em que se debatem, no Brasil, os rumos da exploração de novas e gigantescas reservas. A obra é resultado de sua dissertação de mestrado em Relações Internacionais do Programa San Thiago Dantas (Unesp, Unicamp e PUC-SP), em 2005. Fuser sabe do que fala. Por mais de vinte anos atuou como editor, repórter e articulista de assuntos internacionais na *Folha de S.Paulo* e nas revistas *Época* e *Veja* (quando esta praticava jornalismo). Atualmente é professor na Faculdade Cásper Líbero.

Aliando rigor acadêmico a uma escrita clara e fluente, Fuser vale-se de enorme mas-

Petróleo e poder: o envolvimento militar dos Estados Unidos no Golfo Pérsico

Igor Fuser

São Paulo: Edunesp,
2008, 256 p.



sa de informações para compor um livro didático, abrangente e consistente na análise.

Antes de entrar no tema central – a questão do Oriente Médio –, o autor faz um amplo painel da história das fontes de energia na idade contemporânea. Ele diz:

O petróleo, principal fonte de energia da economia moderna, manterá sua importância nas próximas décadas, segundo todas as previsões, e sua posse poderá se tornar um fator de disputa política à medida que o crescimento da demanda – principalmente nos países em desenvolvimento e nas potências emergentes, como a China – exercer pressão sobre as reservas. Grande parte dos especialistas acredita que a produção mundial de petróleo está perto de atingir o seu ponto máximo, a partir do qual iniciará um lento declínio. Essa previsão, caso se confirme, ressaltará ainda mais o papel estratégico do Golfo Pérsico, onde se situam mais de um terço das reservas (p. 37).

Assim, o combustível adquire importância política decisiva e “contribui para determinar a hierarquia no cenário internacional” (p. 40). A partir dos anos 1920, o

mercado mundial era monopolizado pelas chamadas sete irmãs. Eram cinco empresas americanas (Standard Oil of New Jersey – agora conhecida por Exxon –, Standard Oil of California – atualmente Chevron –, Gulf – nos últimos anos também integrante da Chevron –, Mobil e Texaco), uma britânica (British Petroleum) e uma anglo-holandesa (Royal Dutch-Shell). Elas dominaram toda a cadeia produtiva mundial, até o início dos anos 1960, quando literalmente partilharam o mundo entre si. Isso implicava as operações de exploração, extração, refino, transporte, distribuição e comercialização.

O cenário começou a mudar a partir da criação da OPEP (Organização dos Países Produtores de Petróleo), em 1960. A formação da entidade contou com a participação decisiva de representantes da Arábia Saudita, Iraque, Irã, Venezuela e Kuwait. Um de seus objetivos foi acordar uma política destinada à manutenção de preços estáveis, “entre outros meios, pela regulação da produção”, sublinhava a resolução inicial da nova organização. A OPEP deslocou o eixo definidor da oferta petrolífera mundial das mãos dos grandes monopólios privados para o âmbito dos Estados nacionais.

Fuser analisa a situação sob o prisma da “impressionante linha de continuidade das sucessivas administrações norte-americanas – democratas ou republicanas – no que diz respeito às matérias-primas estrangeiras e, em especial, à mais importante delas, o petróleo” (p. 62). Seu livro examina com detalhes cada movimentação política, econômica e militar em busca do óleo. São relacionados em detalhes os principais complôs, articulados pelo Departamento de Estado e pela CIA, contra governos nacionalistas de diversos países produtores.

A dinâmica política dos EUA acaba seguindo um roteiro previsível. No plano interno há parcerias entre o governo e as empresas privadas do setor. Na seara externa, manifesta-se o suporte dos Estados Unidos a governos conservadores de países do Terceiro Mundo ricos em recursos petrolíferos.

Assim, o apoio da Casa Branca a Israel, praticamente desde a criação do Estado, em 1948, se dá muito em função da necessidade de se ter um aliado quase incondicional em uma área rica em fontes energéticas.

O choque nos preços internacionais, após a Guerra do Yom Kippur, em 1973, coloca essa aliança como estratégica para o país. Na ocasião, os países árabes decidem fazer valer suas cotas de exportação e impuseram um corte drástico na produção, elevando sobremaneira os preços. O barril, que custava US\$ 4,31 (18,22 hoje), em dezembro de 1973, passa para US\$ 10,11 (43,37 hoje) no mês seguinte. O impacto sobre a economia mundial foi expressivo.

Nos anos seguintes, a política externa dos EUA oscila entre a busca da redução da dependência energética externa e o intervencionismo defendido pelos setores mais conservadores. O poderio estadunidense aumenta de maneira acentuada após a queda dos países do campo socialista. Sem um hipotético competidor no terreno internacional, a hegemonia política, econômica e militar se exacerba. Diz Fuser: “Em 1991, com apoio das Nações Unidas, os Estados Unidos travaram sua primeira guerra total contra um país árabe – o Iraque, de Saddam Hussein, que havia invadido o Kuwait. Enquanto isso, crescia a dependência petrolífera norte-americana e ocidental” (p. 242).

Passadas quase duas décadas, o país se vê diante de um desgaste internacional sem precedentes, após nova invasão – desta vez unilateral – do Iraque, em 2003. A situação é agravada, no final de 2008, por uma profunda crise econômica, que atinge os pilares do sistema capitalista. O livro de Igor Fuser é anterior à crise. Mas suas análises tornam-se indispensáveis para quem estuda os rumos das cada vez mais complicadas relações entre Estados, empresas e finanças na arena planetária.

Gilberto Maringoni é doutor em História Social pela FFLCH-USP, professor na Faculdade Cásper Líbero e pesquisador do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).